



III CONEDU
CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

A DIMENSÃO EDUCATIVA DA MÍDIA NA PROBLEMATIZAÇÃO DA MORTE – EVIDENCIANDO UM PARADOXO HUMANO

Angela Morais da Silva

Universidade Estadual do Centro-Oeste – UNICENTRO/PR

Email: angelynhamorais@gmail.com

O presente trabalho se propõe a problematizar a questão da morte na mídia, de modo a evidenciar o paradoxo que esta relação faz aflorar: por um lado, a negação da morte expressa na ausência de espaços para a sua efetiva problematização; por outro, a banalização da morte a partir da superexposição nos mais diversos meios midiáticos. Nesse sentido, cabe ainda, refletir sobre o caráter educativo que os veículos midiáticos incorporam na contemporaneidade, o que leva à pressuposição de que tais dispositivos influenciam fortemente na maneira como o homem moderno lida com a morte. Trata-se de uma pesquisa estritamente bibliográfica, que integra parte do referencial teórico – em desenvolvimento – da pesquisa de mestrado intitulada “Educação para a morte no hospital como estratégia de humanização em saúde”. Utiliza-se a Fenomenologia como aporte teórico-metodológico, por acreditar que tal abordagem possibilita explorar fenômenos humanos em seus aspectos mais peculiares e essenciais. A Fenomenologia aponta uma visão de homem e de mundo totalmente original, a partir da qual homem e mundo compõem um mesmo todo, sendo a percepção considerada pano de fundo para todos os fenômenos humanos e como ponte entre o ser e o mundo. A pesquisa, ainda em desenvolvimento, não permite inferências ou “resultados”. Antes, incita incessantes questionamentos, dentre os quais, o caráter educativo da mídia na problematização da morte e suas implicações, ao passo que corrobora para uma convergência entre educação e tecnologias, como eixos de um mesmo processo de ensino-aprendizagem e entre vida e morte como dois polos de uma mesma existência.

Palavras-chave: Morte, Mídia, Comunicação, Educação.



INTRODUÇÃO

O fenômeno da morte intriga, instiga e inspira o ser humano desde o início da história das civilizações, provocando inquietações que o remetem diretamente ao sentido da existência. Desse modo, vida e morte coexistem, integrando um mesmo todo, porém, em polos opostos de existência e inexistência, de ser e não ser-no-mundo.

O modo como compreendemos a vida e a morte é permeado por práticas culturais que incutem em nós formas, mais ou menos, tangíveis de análise e compreensão. Esse modo varia de acordo com o contexto histórico e social, revelando seu caráter eminentemente cultural.

Giacoaia Júnior (2005) citando Schopenhauer, afirma que a consciência humana e a capacidade, também humana, de elaboração temporal da existência é o que nos possibilita vivenciar a angústia da finitude. Para o enfrentamento da morte o ser humano desenvolveu, ao longo do tempo, estratégias na busca por respostas que aplaquem o mal-estar e minimizem o medo, na tentativa de representar o irrepresentável. Acrescenta que o homem é “(...) o único animal que sabe por antecipação da própria morte; portanto, ao contrário de todos os outros animais, o homem sofre para além do presente, nas dimensões do passado e do futuro, e se pergunta pelo sentido de sua existência (...)” (GIOCAIA JÚNIOR, 2005, p.13).

Ariès (1977), ao resgatar a história da morte no Ocidente, refere uma “inversão” no modo de encará-la ao longo do tempo. Da morte na Idade Média como evento público e que afetava consideravelmente a vida das pessoas envolvidas, passamos a partir de meados do século XX, a conceber a morte como uma experiência individual, um processo gradativamente mais solitário e despojado de rituais de simbolização.

Dentre essa variedade enorme de expressões e práticas humanas diante da morte, a contemporaneidade inaugura uma nova via de abordagem e de significação da morte: a mídia. Produto da modernidade e cada vez mais aperfeiçoada e refinada na atualidade, a mídia permeia todas as instâncias da existência humana, desempenhando papel fundamental à medida que forja subjetividades e propaga dispositivos culturais. No que tange à morte, a mídia parece andar na contramão da tendência atual de escamoteamento e de negação da finitude, uma vez que este tema é recorrente nas pautas de todos seus veículos, enunciando a curiosidade e a perplexidade que a morte instiga. Dentre os meios de comunicação midiática, destaca-se a televisão, com sua admirável capacidade de despertar sentidos através de uma enxurrada de imagens. Tal paradoxo humano lança luz sobre o tema em questão, revelando sua pertinência ao promover a interlocução entre comunicação, educação e tecnologia.



No presente trabalho, adota-se a Fenomenologia como referencial teórico-metodológico, por seu arcabouço que favorece a exploração de aspectos existenciais de modo sensível e partindo sempre da experiência. A Fenomenologia constitui-se como escola de pensamento totalmente original especialmente a partir de Edmund Husserl (1859-1938), entre o final do século XIX e início do século XX. Surge como movimento de crítica e resistência ao modelo de ciência positivista que imperava na época e ao qual as ciências humanas e sociais, não raro, se submetiam na busca pelo estatuto de cientificidade que esta corrente parecia fazer emanar. Pela Fenomenologia, Husserl faz um apelo à volta ao mundo vivido, ao mundo da experiência, das coisas mesmas, do modo como se manifestam. Nessa perspectiva, a Fenomenologia se ocupa de descrever o fenômeno, buscando desvelar sua estrutura para, assim, chegar à sua essência. Para tanto, interroga incessantemente o fenômeno observado, propiciando interpretação e, em última instância, novas compreensões acerca do fenômeno sem desconsiderar, no entanto, suas múltiplas possibilidades de vir-a-ser. Rejeita, portanto, modelos explicativos, relações causais, respostas e verdades absolutas, uma vez que concebe a realidade como dinâmica e condicionada à perspectiva da qual é tomada. (COELHO JÚNIOR, 1991; DARTIGUES, 2013; MASINI, 1989;). A partir de uma leitura fenomenológica acredita-se ampliar a compreensão acerca do tema e das inquietações que o mesmo desperta.

Pretende-se nesse breve estudo, problematizar como a morte na mídia evidencia o um paradoxo humano: por um lado, sua deliberada negação numa sociedade que busca incessantemente eternizar a existência e, para isso, nega o envelhecimento e a morte. Por outro, a morte “escancarada”, veiculada por meios de comunicação de massa, de modo apelativo e até mesmo banal. Tal paradoxo traz à tona a dimensão educativa da mídia nos processos de elaboração e enfrentamento da morte, possivelmente representando uma forte influência sobre os modos de encarar esse inexorável fenômeno na contemporaneidade.

METODOLOGIA

A Fenomenologia constitui-se como escola de pensamento totalmente original especialmente a partir de Edmund Husserl (1859-1938), entre o final do século XIX e início do século XX. Surge como movimento de crítica e resistência ao modelo de ciência positivista que imperava na época e ao qual as ciências humanas e sociais, não raro, se submetiam na busca pelo estatuto de cientificidade que esta corrente parecia fazer emanar. Pela Fenomenologia, Husserl faz um apelo à volta ao mundo vivido, ao mundo da experiência, das coisas mesmas, do modo como se manifestam. Nessa perspectiva, a Fenomenologia se ocupa de descrever o fenômeno, buscando



desvelar sua estrutura para, assim, chegar à sua essência. Para tanto, interroga incessantemente o fenômeno observado, propiciando interpretação e, em última instância, novas compreensões acerca do fenômeno sem desconsiderar, no entanto, suas múltiplas possibilidades de vir-a-ser. Rejeita, portanto, modelos explicativos, relações causais, respostas e verdades absolutas, uma vez que concebe a realidade como dinâmica e condicionada à perspectiva da qual é tomada. (COELHO JÚNIOR, 1991; DARTIGUES, 2013; MASINI, 1989;)

Tal exercício fenomenológico é factível a partir do método fenomenológico, ancorado em importantes conceitos e aliado à atitude fenomenológica, caracterizada pela abertura para viver a experiência na sua totalidade. Para desenvolver essa atitude, o fenomenólogo precisa procurar isolar concepções próprias, pensamentos predicativos, julgamentos, preconceitos. A compreensão de qualquer ato humano demanda um exame apurado da plenitude de sua significação, articulando características que lhe são próprias e as unidades ou estruturas que compõem a totalidade da experiência.

A fenomenologia não distingue o sujeito que conhece do objeto que se dá a conhecer. Desse modo, a consciência é sempre consciência de alguma coisa e o objeto é sempre objeto para uma consciência. Nesse sentido, sujeito e objeto são indissociáveis, de modo que uma instância só existe na presença da outra. Trata-se de uma relação, uma ligação substancial. Somente uma atenta análise das vivências intencionais da consciência possibilita conhecer o processo pelo qual se construiu os sentidos do fenômeno para, finalmente chegar à sua essência, que significa perpassar a mera representação.

Ponto fundamental da fenomenologia, a intencionalidade é entendida como a direção para compreender o mundo. É pela intencionalidade da consciência que as ações humanas são providas de significado. A consciência intencional atribui sentidos para os objetos. (Merleau-Ponty, 1999; GUIMARÃES, 2009; MASINI, 1989)

Para o desenvolvimento do presente estudo, recorre-se à Fenomenologia como aporte teórico-metodológico, tendo em vista os contornos do fenômeno aqui investigado, tateado. Por seu caráter subjetivo, focado nas experiências e percepções do ser, essa abordagem possibilita a construção de um olhar sensível acerca da dimensão educativa da mídia no que tange à problematização da questão da morte. É por meio de uma percepção fenomenológica de vida que se propõe a pensar a morte e as formas de abordá-la no escopo de campos educativos específicos.

Enquanto instrumento de investigação empírica, o método fenomenológico fornece um arcabouço de técnicas que permitem ao pesquisador apreender os nuances do fenômeno



investigado, a partir das significações atribuídas pelos sujeitos da pesquisa. Isso, logicamente, não sem uma constante interrogação do objeto e da própria percepção e inferências. Este ensaio compreende uma pesquisa estritamente bibliográfica que, nessa instância, exclui a abordagem empírica. Portanto, aqui se privilegia a postura de pesquisador fenomenológico que se debruça de modo exploratório sobre um determinado objeto, o concebe como fruto de construção humana, coletiva e individual, intencionando interpretá-lo. Nas palavras de Castro e Gomes (2011), “No exemplo da fenomenologia, de modo geral, a racionalidade se faz presente na mediação entre o que é dado como referência e o que é tomado como significado” (p.155).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Por se tratar de uma pesquisa estritamente bibliográfica que compõe uma pesquisa de mestrado ainda em desenvolvimento, não serão aqui apresentados e nem problematizados “resultados” de um ponto de vista objetivo. Entretanto, a pesquisa bibliográfica, em si, possibilita a construção de reflexões pertinentes no sentido de uma compreensão acerca do fenômeno em questão. Segue o referencial teórico desenvolvido para a elaboração do presente artigo.

A morte interdita x a morte escancarada

Nas últimas décadas, muitos estudiosos têm se dedicado ao estudo da morte, a partir de vários vieses, revelando um esforço no sentido de re-humanizar este processo, antes de tudo, natural e inevitável. No decorrer do tempo, o ser humano foi desenvolvendo diferentes formas de lidar com a morte, por meio de práticas culturais, sociais e individuais, objetivas e subjetivas, que variam de acordo com o espaço e o tempo.

A morte representa um fenômeno desconhecido, enquanto experiência individual e, ao mesmo tempo, inegavelmente presente em todos os contextos humanos, em alguns, mais do que em outros. Ao mesmo tempo em que constitui a única vivência concreta, na forma de certeza inexorável, somos educados culturalmente para evitar a abordagem e problematização desta questão. Por configurar algo que nunca poderá ser experienciado de fato, a morte nos confronta com a limitação e com a fragilidade humanas, em que a finitude da base corpórea põe fim concreto à totalidade do ser.

Os estudos sobre a morte como evento psicossocial desvelam como esta tem sido concebida no decorrer da história da humanidade, até chegar à atualidade, onde é tratada com reservas e considerada um interdito. Procura-se evita-la a qualquer custo, por representar sinônimo de fracasso



num mundo direcionado para o sucesso (KOVÁCS, 2005). Desse modo, a morte não encontra espaço para ser vivenciada e nem abordada de forma saudável, estando os indivíduos fadados a negá-la e, ao se fazer este movimento de negação, silencia-se a voz dos que estão em processo de morrer e ou dos que veem perecer um ente querido.

A partir de um minucioso resgate histórico da morte no Ocidente, o historiador Philippe Ariès (1914-1984) constata que os constructos acerca desse fenômeno foram mudando consideravelmente no decorrer do tempo, nas e pelas transformações sociais. Na Idade Média, a morte possuía um caráter de evento social, na forma de um processo vivenciado coletivamente e marcado por rituais de passagem específicos e essenciais àquela maneira de encarar a finitude. O moribundo era um participante ativo do seu processo de morrer, a partir do qual era possível ritualizar e simbolizar todos os momentos que antecederiam a morte propriamente. A família e a comunidade de um modo geral acompanhavam, contemplativas, esse processo, num movimento de aceitação, resignação e devoção diante do fim derradeiro que, via de regra, se dava em casa. (ARIÈS, 2012)

Com o passar do tempo, a sociedade ocidental passou a desenvolver e a valorizar práticas higienistas que, gradualmente, relegaram a morte a um estatuto de “impura” “foco de infecção”. Assim, a morte foi sendo transferida para o ambiente hospitalar, onde fica isolada da comunidade e onde é impedida grande parte dos rituais, que antes marcavam esse momento.

Klüber-Ross (2008) afirma que pacientes em cuidados paliativos, para os quais nenhum tratamento mais será profícuo, têm vivenciado o processo de morrer de forma despersonalizada. Tal afirmação é endossada pelo fato de que atualmente a morte ocorre, em sua maioria, no interior frio de instituições hospitalares e não mais no aconchego recôndito do lar, como fora outrora. Considerando que grande parte dos profissionais de saúde não se encontra preparada para lidar com a questão da morte, o hospital reforça a percepção da autora de que a morte neste contexto é solitária e desumana. Nesse processo, muitas vezes, a dimensão humana acaba sendo desconsiderada, de modo que o assujeitamento do ser, eleito à categoria de paciente, é frequentemente constatado nas práticas hospitalares. Desse modo, no cenário atual, o hospital representa, por excelência, a instituição de promoção e recuperação da saúde. Lugar de tratamento de doenças para o restabelecimento da saúde e prolongamento da vida, bem como de formação e acúmulo de saber médico. Dessa maneira, não é difícil concluir o quanto a morte desafia os objetivos de uma instituição direcionada para a cura. Assim, a morte constitui-se num infortúnio bastante inconveniente, que quando não é vencido, precisa ser negado ou, pelo menos, silenciado.



Em contrapartida, curiosa e paradoxalmente, coexiste com a “morte interdita”, a “morte escancarada” no cenário contemporâneo. Nas palavras de Kovács (2012):

Morte escancarada é o nome que atribuo à morte que invade, ocupa espaço, penetra na vida das pessoas a qualquer hora. (...) Exemplifico a morte escancarada com duas situações: a morte violenta das ruas, os acidentes e os homicídios; a morte veiculada pelos órgãos de comunicação, mais especificamente pela TV. (KOVÁCS, 2012, p.147)

Sendo esta última forma de “morte escancarada” a que mais nos interessa, aqui, face ao tema proposto, cabe indagar sobre o lugar da morte numa sociedade e contexto histórico em que é deliberadamente negada e, ao mesmo tempo, estampada nos mais diversos meios midiáticos. Será esta maneira de enfrentar o destino inexorável de todos os seres vivos, um dos sintomas de uma sociedade doente? Será este paradoxo apenas mais uma evidência da perplexidade que a morte causa no ser humano? Ou apenas representa mais uma das tantas contradições que permeiam o “humano” e que colocam em cheque a racionalidade do *homo-sapiens*? Esses e tantos outros questionamentos acompanham qualquer reflexão em torno desse tema tão intrigante, incógnito e insólito para a maioria das pessoas.

A mídia e seu papel na constituição do ser – a dimensão educativa dos meios de comunicação de massa

No último século, especialmente nas últimas décadas, a humanidade acompanhou uma explosão de novos recursos midiáticos, recursos estes que reconfiguraram e redimensionaram práticas sociais, nos mais variados aspectos. Trata-se de: “(...) uma verdadeira “revolução tecnológica”, decorrente do avanço técnico nos campos das telecomunicações e da informática, colocando à disposição da sociedade possibilidades novas de comunicar e de produzir e difundir informação”. (BÉVORT E BELLONI, 2007, p.1091). Com o advento das chamadas novas tecnologias, os indivíduos reorganizaram (e não cessam de reorganizar) seus modos de existência, conferindo assim, novos sentidos a experiências, dentre elas, a morte evidentemente.

Fischer (2007) assinala que nosso presente é constantemente atravessado pelas mídias, especialmente a internet e a televisão. Tais meios tem incorporado, cada vez mais, um caráter educativo, à medida que criam narrativas e desenvolvem uma seleção de conteúdos a serem veiculados e endereçados a determinados tipos de público. A partir disso, prescrevem modos de



fazer, de perceber, de sentir, de viver, de morrer... A interface mídia-educação representa um árduo campo, demandando uma análise apurada e crítica, configurando uma necessidade premente, numa realidade social cada vez mais influenciada pelas tecnologias de comunicação e de informação, que produzem reflexos inclusive sobre as formas de transmissão da cultura e do saber acumulado ao longo da história da humanidade. Daí a necessidade imprescindível de considerar a dimensão educativa da mídia. “É esse presente, com todas as suas metáforas, ícones, modos de simbolizar nossas experiências mais diversas, que opera em nós, acionando memórias, construindo e reconstruindo um jeito de entender o que seria nossa história, pessoal e social” (FISCHER, 2007, p. 295).]

Inegavelmente, as mídias fazem parte ativa da cultura contemporânea, já que tecem códigos culturais a serem compartilhados de modo globalizado e orientados para diferentes finalidades – informativa, estética, comercial, publicitária, educativa, dentre outras. Para Bévort e Belloni (2007) atualmente, na cultura, as mídias desempenham papel gradualmente mais importante, de modo que a sua apropriação torna-se indispensável para o exercício da cidadania. Assinalam ainda que:

Também é preciso ressaltar que as mídias são importantes e sofisticados dispositivos técnicos de comunicação que atuam em muitas esferas da vida social, não apenas com funções efetivas de controle social (político, ideológico...), mas também gerando novos modos de perceber a realidade, de aprender, de produzir e difundir conhecimentos e informações. (BÉVORT E BELLONI, 2007, p.1083)

Vale atentar para o fato de que as mídias, em suas diversas formas de expressão e difusão, tornam-se cada vez mais presentes – na forma de onipresença mesmo – no cotidiano das pessoas, transformando-se em dispositivos imprescindíveis ao que poderíamos chamar de “sobrevivência social”. Desenvolve-se, nesse processo, uma progressiva dependência das tecnologias de informação e comunicação.

A exposição da morte na mídia x a negação da finitude

Dentre os veículos mais difundidos e acessíveis estão a televisão e a internet, ambos com um forte apelo imagético, uma vez que caracterizam-se como recursos audiovisuais. A captação da realidade transmitida ou representada se dá de modo extremamente intenso, através de imagens, provocando emoções e acionando mecanismos cognitivos de assimilação. Assim, “(...) na sociedade pós-moderna, a realidade é filtrada pelos meios de comunicação, em especial a televisão, e o



homem acaba por perder a distinção entre o real e a ficção, uma vez que a mídia trabalha com a representação do real.” (BILL, 2010, p.2).

Ainda para essa autora, seguindo a tendência contemporânea de aceleração, velocidade e variedade da informação, as mídias em geral e em especial a televisiva, na ânsia de apresentarem a “notícia” ao telespectador com o máximo de rapidez, acabam por veicular imagens fantásticas e impactantes, o que confere uma áurea de “espetáculo” aos noticiários. Nesse cenário, a morte é lugar-comum, compondo grande parte da programação. Com a supervalorização de imagens e acentuada dose de “dramaticidade” cativa-se o público e garante-se a audiência.

Este tipo de informação ativa mecanismos psicológicos responsáveis pela repressão e negação de determinados conteúdos, tidos como “proibidos” socialmente. Trata-se “(...) do mal que existe no interior de cada pessoa, sempre em conflito com o bem (...) e da perversidade do ser humano e sua necessidade de testemunhar acontecimentos trágicos”. (FERRÉS, 1996: 171).

Tais mecanismos são da ordem do inconsciente, de modo que o demasiado interesse do público pela tragédia passa longe de qualquer tipo de racionalização. Assim, o ser humano parece não se dar conta de que ninguém está livre de eventos trágicos, mas que, ao nos depararmos com a tragédia do outro, sentimo-nos aliviados e seguros.

CONCLUSÕES

Abordar a questão da morte é sempre tarefa árdua e desafiadora. Analisá-la à luz dos atuais dispositivos midiáticos, torna a morte um tema ainda mais intrigante, uma vez que evidencia um paradoxo insolúvel, que foge à racionalidade: de um lado, a morte interdita, negada, rechaçada; de outro, a morte escancarada nos diversos meios midiáticos.

É inegável a influência educativa da mídia nos processos subjetivos e sociais, destacando-se como um importante agente educativo contemporâneo, à medida que desempenha papel preponderante na construção das identidades. Desse modo, a morte, enquanto fenômeno subjetivo e social, é atravessada pelos variados veículos midiáticos, os quais apresentam ideais de beleza, estilos de vida e de comportamentos que caracterizam o ser na contemporaneidade. Lembrando que nesse ideal moderno, a juventude é valorizada, enquanto que o envelhecimento e a morte são protelados a qualquer custo. Além de difundir esses ideais, a mídia também apresenta a morte de modo desordenado e abundante, no intuito de explorar o potencial mercantil que ela pode incorporar, já que a indústria funerária constitui um significativo nicho de mercado atualmente.



Desse modo, a morte passa a ser banalizada e não refletida, discutida, pensada. Nessa dinâmica, não se proporciona espaços para a elaboração psíquica saudável desse evento.

Nessa perspectiva, cabe salientar o quanto o “consumo” desenfreado de informações trágicas revela a curiosidade humana pela morte e, em última instância, aponta para a necessidade, também humana, de se confrontar com a sua finitude. Admitir a mídia como poderoso meio educativo, significa considerar que os meios midiáticos prescrevem modos de lidar com a morte, porém, sem instrumentalizar reflexivamente os seres. Assim sendo, a mídia nos ensina como conceber a morte e como enfrentá-la (ou não), dado seu caráter educativo.

Diante do exposto, pouco se infere e muito se abre de possibilidades de análise, especialmente no que concerne aos desdobramentos da mídia sobre a subjetividade humana. Vale assinalar que a “invasão” midiática parece se traduzir num fenômeno irreversível, cujo alcance é inegável e inesgotável. Uma vez considerada seu poder, cada vez mais abrangente, cabe apontar a mídia – em suas diversas manifestações – como um possível veículo de abordagem e problematização da morte em todas as suas dimensões, a fim de instrumentalizar os seres humanos para lidarem de modo mais sadio com esse derradeiro e inevitável evento, ao qual nenhum ser vivo pode fugir.

REFERÊNCIAS

ARIÈS, P. *História da morte no Ocidente*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

BÉVORT, E.; BELLONI, M. L. Mídia-educação: conceitos, história e perspectivas. *Educ. Soc.* v.30, n.109, p. 1081-1102. Campinas, 2009.

BILL, B.G. Catarse midiática: a tragédia no jornalismo pós-moderno. *BOCC- Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação*, 2010. Disponível em http://www.bocc.ubi.pt/_esp/autor.php?codautor=1846, acesso em 05/08/2016.

COELHO JÚNIOR, N. *Merleau-Ponty: filosofia como corpo e existência*. São Paulo: Escuta, 1991.

DARTIGUES, A. *O que é fenomenologia?* São Paulo: Centauro, 2013.

FISCHER, R. M. B. Mídia, máquinas de imagens e práticas pedagógicas. *Revista Brasileira de Educação*, v.12, n.35, 2007

KOVÁCS, M.J.. Educação para a morte. *Psicologia Ciência e Profissão*, 25(3), p.484-497, Brasília, 2005.

KLÜBER-ROSS, E.. *Sobre a morte e o morrer*. 9ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.



III CONEDU
CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

MASINI, E.F.S. Enfoque Fenomenológico de pesquisa em educação. In: FAZENDA, I. (org.). *Metodologia da pesquisa educacional*. São Paulo: Cortez, 1989.

GIOCAIA JUNIOR, O. A visão da morte ao longo do tempo. *Medicina*. 38(1), p.13-19. Ribeirão Preto, 2005.